

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR SÉRGIO JACINTHO LEONOR
CURSO DE PEDAGOGIA-PARFOR**

ELZIENE ARAÚJO DA SILVA

**ESTUDANTES CAMPESINOS DE ESCOLAS MULTISSERIADAS DA
COMUNIDADE PONTA DA SERRA, ARRAIAS/TO: PARA ALÉM DOS ESTIGMAS.**

ARRAIAS-TO

2019

ELZIENE ARAÚJO DA SILVA

ESTUDANTES CAMPESINOS DE ESCOLAS MULTISSERIADAS DA COMUNIDADE
PONTA DA SERRAARRAIAS/TO: PARA ALÉM DOS ESTIGMAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
UFT – Universidade Federal do Tocantins -
Campus Universitário Prof. Dr Sérgio Jacintho
Leonor para obtenção do título de Pedagoga,
sob orientação da Prof Me. Elisabete da
Silveira Ribeiro.

ARRAIAS-TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586e SILVA, Elziene Araújo da .
ESTUDANTES CAMPESINOS DE ESCOLAS MULTISSERIADAS DA
COMUNIDADE PONTA DA SERRA ARRAIAS/TO: PARA ALEM DOS
ESTIGMAS . / Elziene Araújo da SILVA. – Arraias, TO, 2019.

40 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Pedagogia - Parfor, 2019.

Orientadora : Elisabete da Silveira Ribeiro

1. Esteriótipos . 2. Estudantes . 3. Campesinos. 4. Bulling. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELZIENE ARAÚJO DA SILVA – PEDAGOGA-PARFOR

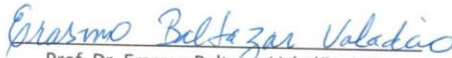
**ESTUDANTES CAMPESINOS DE ESCOLAS MULTISSERIADAS DA
COMUNIDADE PONTA DA SERRA, ARRAIAS-TO: PARA ALÉM DOS
ESTIGMAS**

Trabalho submetido ao Colegiado do
Curso de Pedagogia da Universidade
Federal do Tocantins, Campus
Universitário de Arraias, em
cumprimento parcial para obtenção do
título de Pedagoga à Elziene Araújo da
Silva.

Data de aprovação: 12/06/2019



Prof. Me. Elisabete da Silveira Ribeiro, UFT
Orientadora



Prof. Dr. Erasmo Baltazar Valadão, UFT

Professor Avaliador 1



Prof. Me. Thiago Ferreira dos Santos, UFT

Professor Avaliador 2

Arraias-TO, 2019

Dedico este trabalho a meus pais, Joaquim Rodrigues da Silva e Josefa Araújo Ferreira, aos meus filhos Marcos Henrique Araújo Paiva e Arthur Araújo Silva, a prof Me. Elisabete da Silveira Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me permitir concluir essa caminhada com saúde, fé e perseverança, sem ele não teria conseguido chegar ao fim com êxito.

A todos os docentes da UFT Câmpus Prof Dr Sérgio Jacintho Leonor, que contribuíram para a minha aprendizagem, em especial, a minha orientadora Me. Elisabete da Silveira, que com seu jeito humano de ser, teve paciência e sabedoria para ajudar-me nessa trajetória.

A minha prima, Graziella Bueno da Silva pelo companheirismo durante essa trajetória e por todo o apoio, carinho e amizade que sempre demonstrou ter por mim.

Aos meus filhos: Marcos Henrique Araújo Paiva e Arthur Araújo Silva, que foram um incentivo a mais para essa caminhada.

Ao meu companheiro que sempre me entendeu e apoiou, quando eu mais precisava ele estava ao meu lado para me dar forças, dizendo que ao final da jornada a recompensa seria maior do que o meu cansaço.

Aos meus irmãos, pelo apoio, amizade, amor e confiança, que sempre depositaram em mim.

Em especial aos meus pais, que sempre me ensinaram o maior valor que o ser humano deve ter, que é a humildade, por serem exemplo de vida, de pessoas, que eu admiro e amo muito, e acima de tudo por serem os maiores incentivadores para que eu chegasse onde cheguei.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre os estudantes camponeses de escolas multisseriadas da comunidade Ponta da Serra: destaques na educação na região de Arraias-TO, o qual buscou desmistificar os estereótipos em relação aos estudantes camponeses bem como discutir a trajetória destes, apontando que eles se destacaram na educação. Dessa forma utilizou-se como aporte teórico autores como: Godim (2006), Amorim (2005), Arroyo, Caldart e Molina (2008), entre outros autores importantes que discutem a temática em questão. A metodologia utilizada foi pautada em uma abordagem qualitativa, constituída de observação participante, levando em conta que a pesquisadora também foi aluna camponesa e atualmente é educadora deste contexto. Foram sujeitos da pesquisa cinco pessoas que são ex alunos e educadores camponeses e participaram desta por meio da aplicação de entrevista semiestruturadas. Dentre os resultados obtidos podemos destacar que os alunos oriundos do campo são tão capazes quanto os que moram na cidade, que os fatores externos que influenciam isso é real, definem o potencial de cada um independente de ser do campo ou da cidade. Contudo, alguns alunos demoram mais para se desenvolver, seguem o tempo deles, e ainda tem outras crianças que aprendem com mais facilidade. Para tanto, podemos notar o que faz a diferença é o apoio da família e do professor, juntamente com o apoio pedagógico das secretarias de educação estadual e municipal e que o aluno do campo tem a mesma desenvoltura na mesma proporção que o aluno da área urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Alunos-Camponeses- Aprendizagem- Estereótipos

ABSTRACT

The present work has the objective of discussing the peasant students of multiseriate schools in the punta da serra community: highlights in education in the region of Arraias-TO, which sought to demystify the stereotypes in relation to peasant students as well as to discuss the trajectory of these peasant students pointing (2006), Amorim (2005), Arroyo, Caldart and Molina (2008), among other important authors who discuss the theme in question. The methodology used was based on a qualitative approach, consisting of participant observation, taking into account that the researcher was also a peasant student and is currently an educator in this context. Five people who were former students and peasant educators participated in the study. The application of semi-structured interviews. Among the results we can highlight that the students from the field are as capable as those who live in the city, that the external factors that influence this are real, define the potential of each independent of being from the countryside or the city. However, some students take longer to develop, follow their time, and there are other children who learn more easily. For that, we can see what makes the difference is the support of the family and the teacher, together with the pedagogical support of the state and municipal education departments and that the student of the field has the same resourcefulness in the same proportion as the student of the urban area.

KEY WORDS: Students-Peasants-Learning-Stereotype

Lista de ilustrações

Figura 1- Aluno da Escola Lazaro Ferreira molhando a horta – Arquivo pessoal.....	14
Figura 2 - Alunos da Escola Municipal Lazaro Ferreira –.....	15
Figura 3 - Escola Municipal Lazaro Ferreira – Acervo pessoal	16
Figura 4 - Fachada da Escola Municipal Lazaro Ferreira – Acervo pessoal	16

LISTA DE ABREVIATURAS

CPS: Comunidade Ponta da Serra

ME-Ministério da Educação

LDB-Lei de Diretrizes e Bases 9394/96

UFT – Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2. HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL LÁZARO FERREIRA.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Breve histórico sobre educação do campo	Erro! Indicador não definido...13
3. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	22
4. APRESENTAÇÃO ANÁLISE E DISCUSSOES DOS DADOS	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6. REFERENCIAIS	35
7. APÊNDICE	37

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aqui apresentado buscou desmistificar os estereótipos em relação aos estudantes camponeses na região de Arraias-TO. Procuramos discutir a trajetória destes estudantes camponeses apontando que eles se destacaram na educação.

Estudar essa temática se justifica pela contribuição que poderá trazer ao enfrentamento de temas como bullying nas escolas urbanas que recebem estudantes do campo, problema este, que pode causar sérios danos à vida escolar, podendo levá-los a desistir de ir para a escola, já que quando chegam à mesma, muitas vezes não são bem recebidos, vistos como os pobrezinhos ou os jecas de pernas cinzentas, ou ainda como os que não sabem de nada, por isso são tratados em sua maioria com indiferença ou pior, com chacotas.

Assim, se faz necessário um aprofundamento nesta pesquisa, para tentar mudar esses estereótipos que são atribuídos aos alunos do campo nas escolas urbanas. Para tanto, a proposta é que os próprios estudantes camponeses possam se enxergar de forma diferente, sabendo lidar com tais situações, e se sobressaindo delas, não se vendo como coitadinhos, que estão sendo discriminados, mas como sujeitos autocríticos que saibam se defender.

Para buscar entender essa temática, foi aplicado um questionário semiestruturado com cinco pessoas que já estudaram em escolas multisseriadas na Comunidade Ponta da Serra (CPS) e que se destacam na educação na região de Arraias-TO.

A pesquisa buscou respaldo em estudos de autores renomados como Godim (2006), Amorim (2005), Arroyo, Caldart e Molina (2008), que apontam que a educação do campo, foi e é marcada por estereótipos, crenças socialmente compartilhadas a respeito dos membros de uma categoria social que se perpetuam ao longo dos anos, nos quais os estudantes e professores do campo sofrem por inferioridade, tendo a cultura do campo segregada da urbana.

Nesse sentido, percebe-se que quando a cultura urbana é inserida no campo, ela é vista como superior, o que acaba muitas vezes manipulando, conquistando a cultura invadida e menosprezando ao local.

O presente trabalho estrutura-se da seguinte maneira: inicialmente fez-se a parte introdutória a revisão de literatura cujo o aporte teórico nos auxiliou na organização do texto onde através de autores relevantes buscamos desmistificar os estereótipos que se tem dos alunos oriundos da área rural.

Em seguida, apresentamos o percurso metodológico utilizado para a produção da pesquisa. Por fim, fizemos a análise, e interpretação dos dados obtidos, o que possibilitou nossas considerações finais.

Espera-se que o trabalho apresentado possa contribuir de maneira positiva, levando as pessoas a refletirem que os alunos oriundos do campo possuem as mesmas capacidades de aprendizagem dos urbanos, no entanto o que os diferencia são as condições, por isso buscamos desmistificar a ideia errônea de atraso que se tem das escolas e do desenvolvimento dos alunos pertencentes ao meio rural.

2. HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL LÁZARO FERREIRA

A Escola Municipal Lázaro Ferreira está situada na área rural no município de Arraias-TO, a 45 km da cidade, localizada na Comunidade Ponta da Serra, onde atualmente vivem cerca de 70 famílias.

A Instituição foi fundada em 1993, com o objetivo de atender alunos na faixa etária inicial de 5 e 6 anos. Atualmente a Unidade Escolar atua com crianças de 4 a 10 anos. Quanto ao número de alunos matriculados houve uma redução. Em 2014 tinha 25 alunos, neste ano, 2019, possuem 7, sendo, 1 da Educação Infantil, 2 do 2º ano, 2 do 4º ano e 2 do 5º ano. Essa drástica redução se deu em função da escola atender apenas até o 5º ano do Ensino Fundamental. Os alunos que concluem esse ciclo são obrigados a estudar na cidade, o que é bem cansativo para eles, pois permanecem muito tempo, inclusive com fome, no transporte escolar, com péssimas estradas.

O nome da escola é uma homenagem a um dos fundadores da comunidade: Lázaro Ferreira dos Santos. Ela funciona em um local próprio doado pelo senhor Jacy Ferreira dos Santos, um dos fazendeiros da região.

O perfil sócio econômico da maioria dos alunos atendidos na unidade escolar é de filhos da classe trabalhadora. Muitos vivem com renda de até um salário mínimo, outros contam com Bolsa Família e outros apenas do serviço braçal dos seus pais.

Para o atendimento dos referidos alunos, a unidade escolar conta com o seguinte quadro de servidores: um professor, uma merendeira e um motorista. A Instituição possui uma sala de aula, uma cantina, dois banheiros e um pátio.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As generalizações têm uma imagem preconcebida que as pessoas provenientes da área rural são vistas como atrasadas. O Estereótipo também é muito usado em programas de humor, como manifestação de racismo, xenofobia, machismo, intolerância religiosa, entre tantas outras formas de preconceito. Dessa forma Godim (2006, p. 3) destaca que:

Os estereótipos, por sua vez, são classificações que um grupo aplica aos indivíduos e espaços de outro e tem uma função arquetípica do lugar, do pensamento e representação simplificada, da generalização, ou seja, ideias míticas e elementares que fundamentam uma roupagem, por vezes, discriminatória e excludente.

Ainda nesse sentido os estereótipos são crenças socialmente compartilhadas a respeito dos membros de uma categoria social, que se referem a suposições sobre a homogeneidade grupal e aos padrões comuns de comportamento dos indivíduos que pertencem a um mesmo grupo social.

Para Amorim (2005, p. 4) “Além disso, a educação rural e a urbana são marcadas por diferenças que ainda hoje perpetuam, nos quais os alunos e professores sofrem por inferioridade, estereótipos e as identidades e as subjetividades do rural são segregadas.”

Ainda de acordo com Amorim (2005, p. 5):

Sendo a educação um direito para todos, é preciso reconhecer que a educação urbana não é superior à educação rural e vice-versa. Dessa forma, torna-se necessário romper com a ideia de que o rural é um espaço de atraso, de sujeitos sem cultura e sem identidade. Ambos os ensinamentos, devem ser vistos de maneira horizontal, por terem espaços de culturas singulares, ricos, diversos, de importância social e política significativa.

Em consonância com o autor podemos compreender que tanto o aluno do campo quanto o urbano possuem direitos e deveres iguais em relação a educação e tanto um quanto o outro são capazes de adquirir conhecimentos educacionais relevantes basta que lhes proporcionem possibilidades para que isso aconteça.

De acordo Amorim (2005, p.5):

É necessário estabelecer novas relações entre a educação rural e urbana. Isso é possível através do campo educacional, permitindo serem percebidos novos olhares para a presença diária e constituinte do contexto rural no cotidiano da vida das

pessoas nas áreas urbanas. Desse modo, percebemos a importância de compreender as escolas e comunidades rurais.

No entanto, ainda há pessoas retrógradas, as quais pensam que os alunos que vem de áreas rurais são pobres, incapazes de ascender ao universo restrito dos que dominam a norma culta.

3.1 Breve histórico sobre educação do campo

O campo no Brasil, ainda tem muito a desenvolver. A falta de políticas educacionais voltadas para esse fim caracteriza a desvalorização do homem do campo. Mesmo diante das lutas pelos seus direitos, são grandes as dificuldades encontradas pelas trilhas por onde passam a história desse meio.

A visão de campo de vida só pode ser construída a partir da luta pela terra e da luta e da resistência para ficar na terra. E essas lutas foram desenvolvidas pelos sem-terra, pelos camponeses, pelos quilombolas, pelos indígenas. Foram eles que com suas formas de lutas, resistência, conquista e esperança construíram essa realidade. (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2008, p. 138).

Para Arroyo, Caldart e Molina (2008, p. 138), a visão qualificada que se tem de campo apenas pode ser construída desde que se lute pela terra e que resista até o fim para nela permanecer. Lutas estas, que foram desenvolvidas pelos movimentos dos sem-terra, pela população camponesa, pelas comunidades quilombolas e indígenas. Foram eles que construíram essas realidades a partir de sua persistência.

Nesse sentido, percebe-se que a luta pela terra vem de longas datas, os grupos camponeses, quilombolas e indígenas sempre estiveram à frente dessa batalha para conquistarem seus direitos por ela.

Quando situamos a educação como um processo de transformação humana, de emancipação humana, percebemos quanto os valores do campo fazem parte da história da emancipação humana. A questão é mais fundamental, é ir as raízes culturais do campo e trabalha-las, incorporá-las como uma herança coletiva que mobiliza e inspira a lutas pela terra, pelos direitos, por um projeto democrático e que também pede educação. (ARROYO, CALDART, MOLINA, 2008, p. 80).

Concordando com opinião dos autores nota-se que não basta o educador trabalhar conteúdos descolados da realidade, é de suma importância considerar a cultura dos estudantes, bem como a luta pela democracia e pela educação.

Arroyo, Caldart e Molina, (2008, p. 80), afirmam que:

Quando colocamos a educação como um processo de modificação, de apropriação da humanidade, percebemos que a independência humana tem muito a ver com os valores do campo, é saber buscar as origens do campo e cogitá-las, juntá-las como um legado que mobiliza e inspira batalhas por ela, pelos direitos, por um plano em que todos tenham acesso ao que é seu por direito.

Os dados coletados na pesquisa apontam que quando colocamos a educação como um processo de transformação e apropriação da humanidade percebemos o quanto os valores do campo tem relação com os valores adquiridos e que estes podem levar o sujeito à emancipação como nos mostra a foto abaixo:



Figura 1- Aluno da Escola Lazaro Ferreira molhando a horta – Arquivo pessoal

Nesse sentido Santos e Miranda (2017, p,7) destacam que:

É por meio da educação, e em específico a educação do campo, alicerçada no princípio da cooperação, que é possível que haja uma recriação no campo, sendo esta no sentido de existir uma renovação de valores, atitudes, conhecimentos e práticas de pertencimento a terra. Nesse sentido, instigando a recriação da identidade dos sujeitos na luta e em luta como um direito social de todos e todas as pessoas que vivem no campo e dependem do campo para sobreviver.

Atualmente grande parte dos professores que atuam nas escolas do campo tem nível superior, mas não tem uma formação adequada para atuar na escola do campo. Essa formação é relevante porque ela é capaz de propiciar ao aluno campesino uma educação vai além do que uma proposta pedagógica. A educação do campo deve estar associada à visão de campo, de desenvolvimento e da função do meio rural na sociedade brasileira.



**Figura 2 - Alunos da Escola Municipal Lazaro Ferreira –
Associando a educação ao meio em vivem - Acervo pessoal**

Santos e Miranda (2017, p,4) defendem que a:

A luta pela Educação do Campo não é uma questão local ou regional, ela é abrangente, é histórica e é estendida até os dias de hoje. Assim como existem pessoas que lutam por uma moradia digna, por um trabalho ou por um território, assim também existem as pessoas que lutam pela Educação do Campo. E esses atores sociais que lutam pela educação, são compostos pelos movimentos sociais, as organizações sindicais, diferentes comunidades, escolas rurais, dentre outros.

No Pronacampo, há uma ação voltada para a educação do campo chamada Procampo, tendo como objetivo dar apoio às licenciaturas em Educação do campo que o Ministério da Educação(ME) mantém em universidades federais. No entanto Hage (2008, p,20) defende a ideia de que:

[O que] enfraquece a afirmação de uma cultura docente nas escolas multisseriadas, como também, nas próprias escolas do campo, são os fracos vínculos que os professores possuem com essas escolas, resultante do fato de que grande parte dos profissionais que nelas atuam não é do campo, está de passagem no campo e quando puder se liberar, com certeza, sairá do campo. A rotatividade dos professores que atuam nas escolas do campo pode ser comprovada pela taxas elevadas de professores temporários atuando nas escolas multisseriadas, o que associado ao pouco tempo de serviço de um grande número de docentes na profissão, culmina por agravar ainda mais a precariedade da atuação docente nas escolas do campo e em especial nas escolas multisseriadas. Numa situação, em que o professor se vê obrigado a desenvolver a docência em uma turma com várias séries ao mesmo tempo, conta muito significativamente a experiência de docência acumulada ao longo de sua vida, como também, em grande medida, a estabilidade no emprego.

Embora haja uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases 94/96, (LDB) para a questão da formação inicial, a qual deve se ter nível superior, bem como licenciatura em educação, percebemos ao longo dos anos de atuação em escolas campesinas que somente isso não basta. É imprescindível, a estruturação da escola, o acesso, a valorização dos profissionais, a produção de material adequado à realidade escolar desses alunos para qualificar a escola campesina. Para Santos e Miranda (2017, p,3):

No Brasil, a educação rural está relacionada a uma visão preconceituosa em relação ao homem do campo, não levando em consideração os seus conhecimentos que são adquiridos ao longo do tempo e repassados de pai para filho, de geração em geração. A educação rural, fez com que o camponês perdesse a autonomia rural implantando um tipo de conhecimento ‘estranho’ a eles, como o manejo de técnicas e insumos agrícolas, além da relação com o mercado, onde o camponês teria que vender a sua produção e/ou a sua força para adquirir ‘novos’ produtos para melhorar e aumentar a produção.

Nas muitas discussões sobre a educação do campo o há educadores que defendem e outros que contestam as classes multisseriadas, os segundos consideram que estas não deveriam existir, pois são sinônimo da precarização da escola do campo. E são sim precárias como mostra a foto abaixo.



Figura 3 - Escola Municipal Lazaro Ferreira – Acervo pessoal

Na foto acima estão representados trabalhos com conteúdos que são em sala de aula. Ou seja, o conhecimento socialmente construído não lhes é negado como alguns autores indicam.



Figura 4 - Fachada da Escola Municipal Lazaro Ferreira – Acervo pessoal

A imagem acima mostra a professora enfrentando os desafios postos aos educadores do campo, a qual tenta acomodar os materiais pedagógicos em uma caixa no intuito de melhor conservação.

A imagem contraria o Decreto nº 7.352/2010, sobre a política de Educação do campo seja importante porque completa uma lacuna do Diretrizes e bases da Educação Nacional (DBEN) de 2007, o qual prevê a melhoria do acesso à Educação no país e da qualidade dela, ainda assim, mas não satisfaz as necessidades das peculiaridades da Educação rural.

Hage (2008, p,1) nos alerta para a questão de que:

As condições existenciais das escolas multisseriadas. Em geral, essas escolas são alocadas em prédios escolares depauperados, sem ventilação, sem banheiros e local para armazenamento e confecção da merenda escolar, possuindo estrutura física sem as condições mínimas para funcionar uma escola. Há situações em que não existe o número de carteiras suficientes, o quadro de giz encontra-se danificado; e em muitos casos, essas escolas não possuem prédio próprio funcionando em prédios alugados, barracões de festas, igrejas ou mesmo em casa de professores ou lideranças locais. Os professores e estudantes enfrentam muitas dificuldades em relação ao transporte e às longas distâncias percorridas para chegarem à escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, à cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornadas que chegam a 12 Km e 8h diárias

Entretanto, percebe-se que há educadores, inclusive do campo, que entendem a escola multisseriada como um tipo de organização possível de ser trabalhado no campo, em função número reduzido de alunos, não havendo condições de formarem turmas seriadas, além disso, o órgão do município, responsável pela primeira fase do ensino fundamental, não teria condições de contar com um professor para cada pequeno grupo de alunos.

Haje (2008, p. 1) destaca que:

[A] composição da matrícula na educação do campo demonstra o predomínio da oferta dos anos iniciais do Ensino Fundamental, que respondem por 58,3% do total da matrícula. Os anos finais, embora tenham aumentado em muito a oferta nos anos recentes, atinge somente 24,5% da matrícula e não respondem por uma oferta suficiente para atender os egressos da etapa inicial que, ou são atendidos nas cidades por meio do transporte escolar ou simplesmente se evadem do sistema de ensino.

Além de todas as peculiaridades das escolas do campo, ainda há outra questão bastante delicada que pode interferir no desempenho do aluno. A família do aluno acredita que o trabalho é fundamental para a formação da criança, tendo em vista que na maioria das vezes, a família do aluno precisa produzir seu próprio sustento. O que conseqüentemente

acaba por se dar uma relação da criança com o serviço braçal. Santos e Miranda (2017, p.10) destacam que:

[é] sabido que para proporcionar ao educando as condições que favoreçam assumirem-se como seres sociais e históricos, pensantes, comunicantes, transformadores, criadores e realizadores de sonhos, se faz preciso que os educadores sejam formados para isso. Pois, sendo o educador o ator principal do processo de ensino-aprendizagem, torna-se essencial que ele conheça as peculiaridades pertencentes ao campo, que são indispensáveis para a vida no campo, tais como as práticas da agricultura familiar, da pesca, do extrativismo, as crenças e os valores. Não que o educador nada possa acrescentar a essas pessoas, pelo contrário, este irá proporcionar aos sujeitos a valorização daquilo que lhes pertencem, como a sua cultura e, além disso, o enriquecimento e a apresentação de novos fatos permitindo com isso, o desenvolvimento sustentável de suas comunidades e populações.

Deste modo, evidencia-se o limite de Arraias em relação à educação do campo, já que os educadores não são da região e tão pouco formados na área de educação do campo.

Ainda nessa conjectura Santos e Miranda (2017, p.11) enfatizam que:

Contudo, as Diretrizes Operacionais demonstram que em relação à formação de educadores, no processo de formulação dos sistemas de ensino para a docência nas escolas do campo, deverão ser observados e criados estudos e propostas pedagógicas que demonstram o respeito da diversidade, a sustentabilidade e a valorização da cultura. Contribuindo assim, para a melhoria da qualidade e das condições de vida daqueles que vivem “no” campo e dependem “do” campo.

Há outro desafio de se construir um grande movimento em torno da educação do campo. É necessário reafirmar tudo aquilo que se tem conquistado historicamente, mas é preciso ampliar os direitos. Na escola do campo, não se nega apenas uma escola de qualidade – são negligenciados muitos outros direitos.

Souza (2008, p. 1095) nos adverte que:

A emergência da educação do campo caracteriza-se pela ausência e experiência. É a ausência de escola, de professor com formação consistente para o trabalho nas escolas localizadas nos assentamentos; ausência de técnico-agrícola; ausência de professores. Da ausência, na ação do movimento social, emerge a experiência do Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), da Pedagogia da Terra, da Educação de Jovens e Adultos, da Ciranda Infantil etc. Ausência e experiência desencadeiam uma prática afirmativa da educação do campo, reafirmada nos encontros estaduais, nacionais e conferências sobre educação do campo.

Sob esse aspecto foram pesquisados cinco ex-alunos de escolas do campo que atuam nessa modalidade no município de Arraias-TO. No entanto, essas escolas possuem ainda suas

particularidades. Estão situadas na área rural do município, na maioria das vezes de difícil acesso. Para Santos e Miranda (2017, p,12):

Contudo, é preciso que se continue a luta pelo direito a educação do campo. Apesar de já existir esse direito na lei, é preciso que haja uma cobrança por parte desses povos para que esse direito não seja esquecido e nem muito menos deixado de ser cumprido. As diferenças fazem parte da cultura e da história e é essencial preservá-las. Os educadores também precisam fazer parte dessa luta, pois eles são a chave do processo educacional, sem eles a educação não acontece. Eles precisam andar a par, além das questões que são peculiares ao campo, as lutas e as conquistas direcionadas para essa educação, sendo isso o complemento para sua formação como educador do campo.

Outros aspectos que dificultam a aprendizagem dos alunos relacionados as escolas com salas multisseriadas campesinas devem ser mencionados como nos alerta Silva e Medeiros (2008, p.3)

[M]uitas vezes os alunos e professores são submetidos a verdadeiras aventuras para chegar até a escola, porque o meio de transporte está em péssimo estado de conservação e as estradas muitas vezes são quase intransitáveis. Quando chegam até as instituições se depararam com infra-estrutura inadequadas, professores mal qualificados, Currículos que não contemplam sua realidade e se não bastasse tudo isso a escola na sua forma de ser é a mesma da cidade, mesmo estando no campo.

Seguindo esse raciocínio de educação campesina/salas multisseriadas e que a autora Valmécy Reges Santos em sua tese de especialização **Desafios e possibilidades das salas multisseriadas no município de Arraias/T0** (2016, p.10) aponta que:

São muitos outros desafios que se apresentam para as escolas do campo, tais como: más condições da estrutura física dos prédios, falta de quadras de esportes e de laboratórios (ciências, informática, artes etc.), baixo salário dos professores, estradas não pavimentadas, etc. Tais problemas advêm da base da estrutura social brasileira, revelando o histórico quadro de descaso do poder público com os povos do campo, que tem resultado, além mesmo, na saída de seus territórios em busca de melhores condições de vida.

Dessa forma o que percebemos é que além dos desafios apontados pela autora, as escolas do município arraiano, enfrentam inúmeras dificuldades, as quais vão desde salas que funcionam em casas cedidas pelos moradores da localidade, sem estrutura física, falta de materiais didáticos, bem como problema de locomoção dos alunos que moram em lugares distantes da escola. Tudo isso são fatores relevantes que implicam na aprendizagem significativa dos alunos.

Santos ressalta ainda (2016, p.12.) que:

Atualmente, existem no município de Arraias-TO quatorze escolas multisseriadas em funcionamento, com turmas do pré-escolar ao quinto ano do ensino fundamental. Dessas escolas, há dois que possuem o sexto e o sétimo anos da segunda fase do ensino fundamental. A maioria dessas escolas não possui uma infraestrutura adequada. Algumas chegam a funcionar em casas de palha, cedidas por moradores da comunidade local, não possuindo banheiros, nem energia elétrica e, os alunos contam somente com o professor e o merendeiro.

Santos (2016) nos alerta que no interior do país, especialmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste onde as escolas campesinas possuem um número mais expressivo de classes multisseriadas, ou seja, estas são comuns ao cotidiano escolar dessas comunidades.

Ainda conforme Santos (2016 p.13):

É certo que os problemas que assolam a educação brasileira não se resumem ao contexto das escolas do campo, muito menos às turmas multisseriadas, contudo, a falta de formação dos docentes para atuar com tal especificidade tem ocasionado maiores deficiências às escolas que trabalham com esse tipo de organização pedagógica.

Silva e Medeiros (2008) nos esclarecem que embora a Lei nº 9.394 de 1996, a qual estabelece as Diretrizes e bases da Educação Nacional(DBEN) no Artigo 3º inciso I que garante a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, há uma contradição com a lei, tendo em vista as dificuldades que muitas vezes estes alunos e educadores da área rural têm em chegar à sala de aula, devido à distância da escola de suas residências, transporte inadequado, estradas em condições inapropriadas para locomoção dos veículos.

Diante de tantos desafios enfrentados pela escola do campo, percebe-se que um dos limites encontrados pelos professores urbanos que vão para o meio rural é saber lidar com as salas multisseriadas. Como destaca Medrado (2012):

[...] percebemos que muitos professores do campo adotam a postura urbanocêntrica, por motivos diversos que vão desde o não pertencimento nesse espaço, desconhecimento de outra ideologia que não seja capitalista, formação quanto estudante e profissional em regime seriado/disciplinar, pouca ou nenhuma informação sobre educação do campo e classes multisseriadas (p.142).

A imposição, por parte do município é grande, a formação continuada não atende as especificidades do campo e falta de conhecimento sobre as classes multisseriadas com metodologias e posturas urbanas podem acentuar uma situação difícil, o que pode auxiliar os

alunos a terem um baixo índice de rendimento escolar, assim como a possibilidade de aumentar a evasão, uma prática comum nas escolas do campo.

Sob esse aspecto nota-se a falta de permanência tanto do aluno quanto do professor (porque na maioria das vezes ele/ela não é da região) em uma escola do campo, portanto este é um desafio diário que começa ao sair de casa rumo à escola. Para tanto Ribeiro (2008, p,34): “No Brasil, a ausência de políticas educacionais específicas para a educação rural, na história da Educação, é reconhecida por inúmeros autores como Calazans (1993); Leite (1999); Gritti, (2003); Damasceno (2004)”.

Daí a necessidade que os governantes busquem estratégias para manter alunos e educadores nas escolas da área rural, uma vez que a troca de professor constantemente traz problemas, relacionado ao rendimento dos alunos. É pertinente ressaltar que seria importante que os educadores das escolas campesinas sejam da região para que permaneçam nela por mais tempo.

4. PROCEDIMENTO DA PESQUISA

Para esta pesquisa utilizou-se da abordagem qualitativa acrescentada de observação participante, com aspectos bibliográfico para discutir os dados coletados no caso da observação participante levou se em conta que a pesquisadora também é educadora de escola campesina.. Onde foram sujeitos cinco professores que atuam na área rural. participaram desta, por meio da aplicação de entrevista semiestruturadas. cuja escolha destes foi em virtude de os mesmos além de serem educadores da área rural também foram alunos campesinos.

Inicialmente fez se pesquisa bibliográfica composta em consultas de várias bibliografias referentes ao assunto em estudo bem como, artigos publicados na internet, acrescentada de observação esses instrumentos utilizados permitiram a adquirir dos dados deste trabalho.

Levando em consideração que a pesquisa bibliográfica é a primeira parte da investigação, após a escolha de um tema é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado para auxiliar na escolha de um método mais adequado, bem como levar os pesquisadores (as) a terem conhecimento das variantes e na autenticidade da pesquisa.

A pesquisa qualitativa é um método de investigação científico que foca no caráter particular do objeto pesquisado, estudando suas peculiaridades e suas experiências particulares. Sendo assim:

Considerando que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. (GODOY, 1995, p. 23).

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa oferece caminhos que facilitam ao pesquisador descobrir fatos de pessoas, mesmo quando estas não estão próximas geograficamente, através de mecanismos como internet, telefone, etc.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores, aspirações e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22).

Inicialmente fez uma pesquisa bibliográfica composta em consultas de várias bibliografias referentes ao assunto em estudo bem como, artigos publicados na internet. Levando em consideração que a pesquisa bibliográfica é a primeira parte da investigação, após a escolha de um tema é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado para auxiliar na escolha de um método mais adequado, bem como levar os pesquisadores (as) a terem conhecimento das variantes e na autenticidade da pesquisa.

Para coleta de informações foram utilizados os instrumentos: formulário de entrevistas (Apêndice A) aplicado aos participantes, observação (Apêndice B) e levantamento de bibliografias (livros, artigos, sites) ligadas ao tema da pesquisa.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenham informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversa de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI, LAKATOS, 2010, p.178).

Assim, a entrevista é uma importante procedimento de pesquisa científica que faz com que haja uma interação entre ambas as partes, no intuito de obter dados necessários a cerca de um determinado assunto, para assim chegar a algum resultado.

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 182), “Mediante a técnica de entrevista, o pesquisador pode levar o entrevistado a uma penetração maior em sua própria experiência, explorando áreas importantes, mas não previstas no roteiro de perguntas”.

Trata-se, pois, do entrevistador saber conduzir sua entrevista de acordo com as especificidades do entrevistado, para que o mesmo sinta-se à vontade para responder suas perguntas, e assim chegar ao objetivo esperado, e quem sabe, ir além das respostas esperadas.

A pesquisa foi realizada com estudantes oriundos de escolas multisseriadas do meio rural no Município de Arraias-TO.

5. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS PRODUZIDOS

Como foram entrevistados cinco professores, estes na análise dos dados, receberam uma nomenclatura de P1, P2, P3, P4 e P5, tendo em vista que a pesquisadora preferiu preservar a identidade dos pesquisados.

Quadro 1 Como você ex- aluno (a) do campo foi recebido (a) na escola urbana?

Quantitativo	Respostas
P1	Fui recebida bem, porque sempre fui boa aluna.
P2	Enfrentei alguns preconceitos, principalmente em relação à desigualdade social
P3	Pela equipe escolar fui recebida de maneira normal como os demais, mas pelos colegas foi com desprezo, desrespeito e até agressão verbal e física.
P4	Não fui recebida com indiferença, pois as maiorias dos meus colegas eram da área rural
P5	Naturalmente, ou seja, não tive interferências.

Quadro 3- Elaborado pela pesquisadora (2018) - Fonte de pesquisa (2018) alunos oriundo da área rural

O quadro de respostas acima mostra que dos cinco entrevistados, três não sofreram nenhum tipo de preconceito, mas, no entanto dois destes sofreram muito preconceito seja ele por falta de condição social.

Theotonio (2016, P,2) destaca que:” É imprescindível que se tenha bem claro o sentido de campo que estamos afirmando e priorizando como lugar de sociabilidade, de vida plena. O Movimento “Por uma educação do campo”, cuja primeira conferência nacional ocorreu em julho de 1998, propõe a seguinte definição:”.

Sendo assim Hage,Barros (2010,p,351):

[N]o que concerne a educação especificamente, muitas das peculiaridades que caracterizam as escolas do campo em face de suas localizações territoriais, não têm

sido consideradas com relação às políticas educacionais implementadas no país. Em muito isso se deve à existência de uma concepção urbanocêntrica de mundo que é hegemônica e que invisibiliza as escolas do campo, seus problemas, suas necessidades e sua importância no cenário atual.

Seguindo a linha de pensamento podemos notar que uma das iniciativas de romper com essas barreiras relacionadas aos alunos do campo é reformular o currículo para somente assim a escola urbana possa trabalhar ou começar a pensar na realidade do aluno oriundo do campo.

Quadro 2 Você sendo aluno do campo já sofreu algum tipo de discriminação?

Quantitativo	Respostas
P1	Já, porque as pessoas nos tratam com indiferença, subestimam nossa capacidade.
P2	Somente quando vim estudar na cidade, eu era vista como atrasada por ter estudado no campo
P3	Sim sofri muito bullying, chamavam-me de mimosa em função da minha origem, de fedorenta, etc.
P4	Não sofri nenhuma discriminação, pois em relação ao desenvolvimento escolar eu já recebi uma boa formação, já que os profissionais da área urbana na sua maioria reclamam do baixo nível de aprendizado dos alunos rurais.
P5	Não

Quadro 3- Elaborado pela pesquisadora (2018) - Fonte de pesquisa (2018) Ex- alunos oriundo da área rural

Ao questionarmos se já sofreu algum tipo de discriminação três dos cinco entrevistados apontam que sofreram discriminação, como destaca P1, ao relatar que as pessoas na área urbana tratam os alunos do campo com indiferença, subestimam nossa capacidade e minimizam nossas culturas. Como destaca Nunes (2014):

[...]os alunos do meio rural enfatizaram as dificuldades encontradas na adaptação ao ensino da escola urbana, por serem provenientes de outra realidade, filhos de pequenos agricultores e se sentirem estigmatizados diante de um contexto que não conheciam porque a sua visão de mundo não é considerada e mediada com os conteúdos. (NUNES 2014, P,14)

Ainda nesse sentido discriminatório P3 nos alertou para a questão do bullying quando relata que sofreu muito, chamavam-me de mimosa, de fedorenta etc. em função da minha origem, Nunes (2014) enfatiza que é:

Inevitável não problematizar a existência de uma violência simbólica que ocorre no cotidiano escolar que oculta e/ou silencia a cultura dos alunos. É simbólico porque reformula os hábitos, as atitudes, a forma de pensar, excluindo a essência e a subjetividade do indivíduo. A linguagem popular é tida como inferior, a desigualdade como natural, como destino em que os alunos irão seguir, inevitavelmente, a mesma trajetória dos pais, o que mostra que esse mecanismo de manipulação social permeia as diferentes épocas, mantendo sempre a mesma hierarquia social. Isso confirma [que] a reprodução da ideologia dominante depende do seu poder de obscurecer a realidade. . (NUNES, 2014, P,14).

Diante das ideias da autora acima nota-se que é preciso que a escola urbana ao receber os alunos do campo considere suas histórias de vida como ressalta Haje(2008, p,9):

– O enfrentamento dos graves problemas que envolvem as escolas multisseriadas para ser efetivo deve considerar os desafios mais abrangentes que envolvem a realidade sócio-econômica-política-ambiental-cultural e educacional do campo na sociedade brasileira contemporânea. Entre esses desafios, destacamos por um lado, a degradação das condições de vida dos homens e das mulheres que vivem no campo, que resulta numa expansão acelerada da migração campo-cidade; e o fortalecimento de uma concepção urbano-cêntrica de mundo que dissemina um entendimento generalizado de que o espaço urbano é superior ao campo, de que a vida na cidade oferece o acesso a todos os bens e serviços públicos, de que a cidade é o lugar do desenvolvimento, da tecnologia e do futuro enquanto o campo é entendido como o lugar do atraso, da ignorância, da pobreza e da falta de condições mínimas de sobrevivência.

É pertinente destacar que esses alunos oriundos do campo possuem cultura, costumes e hábitos diferentes dos alunos urbanos e que a escola na qual eles estão inseridos deve levar em consideração todos esses aspectos.

Quadro 3 Como você percebe o desenvolvimento das crianças da área rural?

Quantitativo	Respostas
P1	É diversificado, têm aqueles que se destacam e também têm aqueles que têm dificuldades, devido às questões sociais e por falta de acompanhamento e estímulo da família
P2	Elas são bem desenvolvidas, não vejo diferenças. Somente em relação às tecnologias recentes
P3	Depende da criança e do interesse. A criança ativa, interessada desenvolve em qualquer escola
P4	Tudo depende do profissional que ensina e do apoio familiar, isso faz a diferença e não o local em que se aprende cidade/campo.
P5	O desenvolvimento é normal às demais crianças

Quadro 4 Elaborado pela pesquisadora (2018) - Fonte de pesquisa: Ex- alunos oriundo da área rural (2018)

Indagados sobre como percebem o desenvolvimento das crianças da área rural nota-se que há uma diversificação nas respostas, mas nos levam ao mesmo lugar que é o desempenho do profissional da educação e o acompanhamento da família como nos mostra a resposta de P1, ressaltando que o processo de ensino aprendizagem dessas crianças do campo em êxodo para área urbana é diversificado, tendo aqueles que se destacam e também aqueles que têm dificuldades, devido às questões sociais e por falta de acompanhamento e estímulo da família. Cabe ressaltar que o condicionante não é determinante e, ainda que nem todas as famílias tem condições estruturais e emocionais para fazer este auxílio, quem tem o domínio do ensinar os conteúdos da escola é o professor, ou pelo menos deveria ser, pois esta é a sua profissão.

Marinho e Vale (2017) enfatizam que:

No decorrer das pesquisas que fizemos e das entrevistas, como resultado final desse artigo pudemos analisar e perceber que de fato há uma grande diferença da Escola no Campo e das Escolas urbanas, começando primeiramente pelas estruturas e valores que são atos primordiais e perceptíveis que, ao analisar, pudemos perceber tanta diferença, na escola da prefeitura como na escola de ensino médio do governo, todas têm o mesmo viés e o ensino de abordagem são os mesmos, não há elementos permanentes que envolva o crescimento do educando quanto para suas famílias (MARINHO e VALE, 2017, p.8).

No que se refere ao acompanhamento familiar o contato com a escola é muito pouco em relação aos alunos que estudam na área rural, talvez em função dos afazeres do dia a dia, já em relação aos estudantes camponeses que estudam na cidade existe um limite maior, sendo que o transporte não carrega os pais. Theotônio (2016) destaca:

Muitas vezes o contato dos pais dos alunos do campo com a escola fica restrito ao momento da matrícula, infelizmente a comunidade escolar (gestão, professores e alunos) ainda não criou mecanismo para proporcionar uma maior participação desses pais no cotidiano escolar, seja nas reuniões, seja nos eventos. Se a presença física dos pais na escola ainda deixa a desejar, estamos longe de promover uma integração com essa parcela da comunidade escolar para pensar estratégias e tomar decisões coletivas (THEOTONIO, 2016, p.5).

Dessa forma P4 aponta para uma questão relevante quando descreve que tudo depende do profissional que ensina, do apoio familiar, para este, isso faz a diferença e não o local em que se aprende cidade/campo. Já para P3, o desenvolvimento educacional depende da criança e do interesse. “A criança ativa interessada desenvolve em qualquer escola”

Quadro 4 Quais os desafios você enfrentou na transição da escola do campo para a escola urbana?

Quantitativo	Respostas
P1	O fator mais relevante foi a aceitação, a discriminação por ser da roça, o preconceito.
P2	Acostumar com o modo de vida na cidade e a forma de ser entendida pelos professores, os do campo têm mais carinho com os alunos.
P3	Vários desde a falta de recurso para aquisição de materiais escolares até preconceito em virtude de ser oriundo da área rural
P4	Em relação à aprendizagem nenhuma, pois na socialização não me sentia um pouco diferente em relação a roupa ou a fala.
P5	Somente na introdução de línguas estrangeiras.

Quadro 5- Elaborado pela pesquisadora (2018) - Fonte de pesquisa: Ex- alunos oriundo da área rural (2018)

Sobre desafios enfrentados na transição da escola do campo para a escola urbana P1 destaca que o fator mais relevante foi a falta de aceitação, a discriminação por ser da roça, o preconceito. Já para P3, foram vários os desafios desde a falta de recurso para aquisição de materiais escolares até preconceito em virtude de ser oriundo da área rural.

Nesse sentido Marinho Vale (2017) destacam que:

O vínculo da educação do campo com a classe trabalhadora rural, suas organizações e suas lutas é a motivação da educação do campo, pois está dentro da necessidade camponesa, e suas organizações, são as federações, sindicatos rurais alguns movimentos da via campesina estão junto para discutir e ajudar essa educação do campo, pois ela é construída a cada dia, e essa pedagogia ela é feita todos os dias pelos educandos e pelos trabalhadores pelas trabalhadoras rurais que estão dentro do campo camponês (MARINHO, VALE,201, p,6).

Embora os autores apontem que a educação é construída a cada dia e essa pedagogia é feita todos os dias pelos educandos, pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras rurais que estão dentro do campo camponês, mas contrariando essa tese, P2 enfatiza que um dos principais desafios foi se acostumar com o modo de vida na cidade e a forma de ser entendida pelos professores, uma vez que os que atuam no campo têm mais carinho com os alunos.

O quadro de respostas acima nos mostra de forma clara que todos os entrevistados os quais são oriundos da área rural passaram por algum tipo de discriminação em virtude de sua origem.

Dessa forma para tentar minimizar tais impactos causados pela transição da escola do campo para a escola urbana é necessário que a segunda esteja preparada para receber estes

alunos. A escola precisa ficar atenta a questão do bullying por exemplo, tendo como suporte uma equipe com psicólogo, assistente social psicopedagogo entre outros profissionais importantes nesse período de transição desses alunos.

Quadro 5 - Na sua opinião existe alguma diferença entre o aluno do campo e da área urbana, em relação a aprendizagem?

Quantitativo	Respostas
P1	Em relação à aprendizagem não. Tive e tenho alunos oriundos do campo que são destaques, são tão capazes quanto os que moram na cidade, percebo que os fatores externos que influenciam, isso é real, define o potencial de cada um independente de ser do campo ou da cidade.
P2	Não acho que os alunos do campo são mais interessados nos estudos
P3	Não. Prova disso que sou oriunda do campo e sempre tive uma boa aprendizagem, tanto que cheguei até aqui, mas quero ir além chegar a um doutorado e honrar minha origem e acabar com os estereótipos de que criança da área rural não se desenvolve como da urbana.
P4	Não o que faz a diferença é o apoio da família e do professor, juntamente com o apoio pedagógico das secretarias de educação estadual e municipal
P5	Não há diferença, o aluno do campo tem a mesma desenvoltura na mesma proporção que o aluno da área urbana.

Quadro 6- Elaborado pela pesquisadora (2018) - Fonte de pesquisa: Ex- alunos oriundo da área rural (2018)

Questionados sobre a existência alguma diferença entre o aluno do campo e da área urbana, em relação a aprendizagem, P1 aborda que em relação a aprendizagem não.” Tive e tenho alunos oriundos do campo que são destaque e são tão capazes quanto os que moram na cidade, percebo que os fatores externos que influenciam isso é real, definem o potencial de cada um independente de ser do campo ou da cidade”. Contudo, alguns alunos demoram mais para se desenvolver, seguem o tempo deles, e ainda tem outras crianças que aprendem com mais facilidade.

Se todos tiverem um mesmo objetivo e sonhos, chegaremos ao lugar onde desejamos e pensamos, pois isso requer profissionais que saibam lutar pelos seus direitos e colocá-los em prática, só assim teremos uma educação de qualidade e liberdade. Isso depende de cada um de nós, de cada cidadão que vê a escola como

um ponto de crescimento educacional, pois isso requer um processo social que engloba também a sociedade, pois através do diálogo aliado à práxis efetiva é que poderemos amenizar o grau dessa precariedade que há nas escolas da cidade. (MARINHO VALE, 2017, P,7)

Concordando com os autores que P3 esclarece que não há diferença e que “prova disso que sou oriunda do campo e sempre tive uma boa aprendizagem tanto que cheguei até aqui, mas quero ir além chegar a um doutorado e honrar minha origem e acabar com o estereótipos de que criança da área rural não se desenvolve como da urbana”. P4 e P5 completam enfatizando que não há diferença, o que faz a diferença é o apoio da família e do professor, juntamente com o apoio pedagógico das secretarias de educação estadual e municipal e que o aluno do campo tem a mesma desenvoltura na mesma proporção que o aluno da área urbana

Para tanto Hage (2008, p,2) destaca que o educador do campo:

. As investigações que realizamos nas escolas multisseriadas revelaram a presença isolada do professor na maioria das pequenas escolas localizadas no meio rural; e resultante dessa situação, as condições adversas que esses profissionais enfrentam no cotidiano dessas escolas, impondo a esses docentes uma sobrecarga de trabalho e forçando-os a assumir um conjunto de outras funções, para além da docência na escola, como: faxineiro, líder comunitário, diretor, secretário, merendeiro, agricultor, agente de saúde, parteiro, etc.

Diante da resposta acima e da citação do autor compreendemos que as escolas seriadas da cidade, têm problemas de aprendizagem, tanto quanto as escolas do campo. No caso da segunda nota-se que existe uma insegurança no ensino e que isso ocorre não por ser multisseriado, mas porque existe uma série de ausências, inclusive a ausência de uma proposta pedagógica para trabalhar com essas escolas.

Ao se imputar à escola do campo o sinônimo do atraso assume-se essa reprodução preconceituosa, (Hage, 2008, p.6) procura desmistificar essa ideia, afirmando que:

Segundo esse paradigma, as escolas consideradas de boa qualidade são aquelas que estão na cidade e são seriadas. Entretanto, os estudos que temos realizado indicam que esse modelo de organização de ensino seriado urbanocêntrico tem origem nessa racionalidade moderna, que se fundamenta nas seguintes idéias: a ciência é entendida como o único conhecimento válido e verdadeiro, o mundo é representado de forma fragmentada, exemplificado na separação entre: sujeito-objeto, corpo-alma, natureza-sociedade, cultura-natureza, etc, gerando dualidades e hierarquizações entre modos de vida, como o urbano e o rural, por exemplo. Esse modelo contribui, portanto, para homogeneizar as culturas, fortalecendo valores como o individualismo, a competitividade, a seletividade, meritocracia, e produzindo a discriminação, a exclusão e a desigualdade

Para tanto, podemos enfatizar em virtude de que a pesquisadora já atuou e ainda atua em escolas multisseriadas e que essa é uma estratégia possível de ser trabalhada, até porque

no município de Arraias, a escola multisseriada é uma realidade bastante frequente para comunidade camponesa. Há outros desafios que consideramos preocupantes, por exemplo, a luta pela manutenção das escolas do campo, a garantia de uma forma de organização para que elas não fechem, fazendo com haja um problema ainda maior, o êxodo rural.

Quadro 6– qual a sua formação

Quantitativo	Respostas
P1	Graduada em pedagogia
P2	Pedagoga
P3	Licenciatura em pedagogia
P4	Licenciatura em matemática
P5	Ensino superior incompleto

Quadro 3- Elaborado pela pesquisadora (2018) - Fonte de pesquisa Ex-alunos oriundo da área rural (2018)

O quadro acima respostas vem para desmistificar a idéia de que o aluno do campo possui capacidade inferior ao aluno da cidade as respostas nos mostra que dos cinco professores entrevistados oriundos de escolas do campo apenas um ainda não tem nível superior completo. Levando em conta os entrevistados são também educadores campesinos Dassoler, Lima (2010) destaca que:

Observa-se que a LDB adotou os termos formação de profissionais da educação e formação de docentes, ressaltando também que cabe aos sistemas de ensino promover aperfeiçoamento profissional continuado. Ao mesmo tempo em que estabeleceu a associação entre teorias e práticas, mediante a formação contínua, e o aproveitamento anterior como fundamentos da formação dos profissionais da educação (DASSOLER LIMA,2010, P,3).

Ainda sob essa perspectiva de formação podemos notar que esses educadores embora sejam ex-alunos de áreas rural e atualmente educadores buscara, se aperfeiçoar assim como a determina a LDB quase todos os professores das áreas rurais buscaram aperfeiçoamento e até mesmo para se adequar as novas exigências do ministério da Educação.

Dassoler Lima (2010) ressalta que:

Em 30 de janeiro de 2009, é publicado no Diário Oficial da União (DOU) a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. Voltada

para essa modalidade da educação, destaca-se no documento a importância do docente no processo educativo da escola e de sua valorização profissional, assim como a formação continuada, entendida como componente essencial da profissionalização docente (BRASIL, 2009). Assim, os termos formação e profissionalização em alguns momentos são sinônimos, em outros são complementares. (DASSOLER. LIMA,2010, P,3).

Embora o quadro de resposta aponte que a maioria dos educadores está em consonância com as exigências da LDB ainda assim esses educadores e alunos enfrentam desafios que dificultam tanto o processo de ensino aprendizagem quanto o trabalho docente.

As legislações nacionais indicam que a profissionalização do educador está intimamente relacionada à sua formação, inicial e continuada, fazendo crer que o caminho para a profissionalização está pautado em um tripé: formação, participação e experiência, ou seja, pressupondo a reunião de requisitos passados e presentes. Por outro lado, ao mesmo tempo em que indicam quem é profissional da educação, deixam a desejar quando têm que especificamente determinar em quais aspectos o profissional passará a ser valorizado a partir da aquisição dessa formação (DASSOLER, LIMA, 2010, P,8).

Apesar das legislações enfatizarem que a formação está relacionada à inicial e continuada no nosso caso específico, professor da área rural, isso não acontece, a formação acontece em média duas vezes ao ano e, quando acontece não dá um suporte necessário.

No município de Arraias é estabelecido pela Secretaria de Educação Municipal que o professor seja no mínimo graduado, em especial licenciado em Pedagogia, uma vez que o curso nessa área dá subsídios para atuar na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Como está revelado no quadro a formação dos professores entrevistados em sua grande maioria é na Pedagogia, no entanto, alguns ainda estão cursando.

O que podemos perceber diante do quadro de respostas acima é que o município conta com professores que estão quase atendendo a prerrogativa exigida pela Lei de Diretrizes e Bases 94/96, (LDB)que institui formação em nível superior para atuarem no nível de ensino. Mas Druzian (2011) enfatiza que:

Os desafios do cotidiano pedagógico precarizado ganham escala quando se constata a falta de acesso dos docentes a uma formação profissional que tome a realidade do campo como objeto de estudo, assim como a busca por uma pedagogia mais crítica e criativa a ser desenvolvida junto às turmas multisseriadas. 2011, p.8)

O cotidiano de uma escola do campo é diferente da escola urbana,na maioria das vezes a primeira não possui um diretor,um coordenador ,o professor que necessita de auxilio para lidar com crianças especiais não pode contar com a existência desse profissional,porque o município não oferece.Todos esses aspectos pode influenciar de forma

negativa na aprendizagem do aluno. Para tanto cabe ressaltar que não é o aluno vindo do campo que possui capacidade inferior ao aluno urbano e sim as oportunidades que lhes são propiciadas que são menores.

Nesse sentido Druzian (2011, p.9) resalta ainda que:

Nesse sentido, o professor deve constantemente tematizar sua prática junto a outro profissional, seja ele professor, seja coordenador, refletindo sobre suas atitudes e atos pedagógicos e sobre a possibilidade de reformulá-los quando necessário. A problematização da prática propõe uma nova oportunidade de formação continuada do profissional, permitindo uma maior interatividade no processo de formação do educador.

A citação acima nos leva a compreender a importância da formação inicial para esses professores, mas ela sozinha não é suficiente para atender tais necessidades tanto do educador quanto dos educandos o primeiro é preciso atuar como condutor de conhecimentos, fazendo com que seus alunos interajam e aprendam com as atividades propostas por eles mesmos, no intuito de fazer com que a curiosidade se torne presente em seus alunos, o segundo para que possa ter um bom entendimento, participação e domínio do conteúdo proposto.

A formação continuada pode oferecer ao professor condições de fazer uma análise da formação inicial, levando a refletir sobre suas atitudes e atos pedagógicos e sobre a possibilidade de mudar. No entanto as escolas do campo oferta essa formação continuada apenas duas vezes ao ano.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise de dados, consta-se que os **estudantes camponeses de escolas multisseriadas da comunidade Ponta da Serra de Arraias–TO** sofreram muito preconceito seja ele por falta de condições econômicas favoráveis, seja pelo simples fato de serem da área rural.

É pertinente destacar que esses alunos oriundos do campo possuem culturas, costumes e hábitos diferentes dos alunos urbanos e que a escola na qual eles estão inseridos deve levar em consideração todos esses aspectos. Em relação ao desenvolvimento das crianças da área rural a pesquisa constatou que os fatores determinantes nesse processo é o desempenho do profissional da educação e o acompanhamento da família e que o processo de aprendizagem dessas crianças do campo que necessitam continuar seus estudos na área urbana é diversificado, tendo aqueles que se destacam e também aqueles que têm dificuldades, devido a inúmeros fenômenos inerentes à escola, seja ela urbana ou camponesa.

Cabe ressaltar que a família não é determinante e, uma vez que nem todas as famílias tem condições estruturais e emocionais para fazer este auxílio, quem tem o domínio de ensinar os conteúdos da escola é o professor, ou pelo menos deveria ter, pois esta é a sua profissão.

Há grupos discutindo que a escola multisseriada é uma estratégia possível de ser trabalhada – ela é uma realidade. Ratificamos o já dito acima, para as escolas no campo, ainda é preciso garantir que elas sejam organizadas, porque, se não for assim, fecham e o problema é ainda maior.

Para tanto a pesquisa infere que o cotidiano de uma escola do campo é diferente da escola urbana, na maioria das vezes a primeira não possui um diretor, um coordenador, o professor que necessita de auxílio para lidar com crianças deficientes, não pode contar com a assistência do profissional de Atendimento Educacional Especializado porque o município não oferece. Todos esses aspectos podem influenciar de forma negativa na aprendizagem do aluno.

Cabe ressaltar que não é o aluno vindo do campo que possui capacidade inferior ao aluno urbano e sim as oportunidades que lhes são propiciadas que muitas vezes são menores. E que é preciso iniciativas de romper com essas barreiras relacionadas aos estudantes

campesinos, como por exemplo, reformular o currículo contemplando também os seus saberes.

Diante de tudo que foi discutido ao longo deste trabalho percebe-se a urgência de melhoria nas condições de infraestruturas das escolas das áreas rurais/do campo, assim como garantia de recursos pedagógicos, ampliação da oferta de formação inicial e continuada em consonância com as especificidades da educação do campo nas turmas multisseriadas e ainda, melhoria nas condições de trabalho e salário dos educadores.

7. REFERENCIAIS

AMORIM, Daiana Aparecida Marques do. Educação rural e as salas multisseriadas: uma reflexão sobre as políticas públicas para esse contexto. **37ª Reunião Nacional da ANPED**. Outubro de 2015, UFSC: Florianópolis. In: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/poster-gt14-4207.pdf>> acesso em 02/01/2018

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por Uma Educação do Campo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DASSOLER, Olmira Bernadete; LIMA, Denise Maria Soares. **A formação e a profissionalização docente: características, ousadia**. In: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3171/522>> acesso em 20/03/2019

DRUZIAN, Franciele – EMEF Major Tancredo Penna de Moraes Eixo 11: Educação Infantil (campo e cidade) **Educação Infantil Multisseriada no Campo**. In: <<file:///C:/Users/Lenovo/Desktop/Franciele%20Druzian.pdf>> acesso em 21/01/2018

GODOY, Arilda Schimdt. **Pesquisa qualitativa: Tipos Fundamentais**. São Paulo: Scielo. In: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>> acesso em 04/03/2017.

GONDIM, Hugo Cesar Fernandes. **Breve histórico da Educação do Campo: Paradigmas e Estereótipos**. 1ª ed. Jataí-Go. 2016. In: <<http://www.congresso2016.congressohistoriajatai.org/resources/anais/6/14757>> acesso em 04/07/2017

HAGE Salomão Antônio Mufarrej **Multissérie em pauta: para transgredir o Paradigma Seriado nas Escolas do Campo** https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/multisserie_pauta_salomao_hage.pdf acesso em 13/03/2019

HAGE Salomão Antonio Mufarrej; BARROS, Oscar Ferreira Barros **Currículo e Educação do Campo na Amazônia: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo** <<file:///C:/Users/CCE/Downloads/9097-11190-1-PB.pdf>> acesso em 19/07/2018

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria, **Fundamentos de Metodologia Científica** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010

MARINHO Luciana Gomes VALE Patrícia Nogueira **Uma análise comparativa entre educação do campo x educação urbana**. In: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo10/umaanalisecomparativaentreeducacaodocampoeducacaourbana.pdf>> acesso em 18/02/2019

MEDRADO, Carlos Henrique de S. **A pedagogia das classes multisseriadas** - SEER – UFAL <www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/viewFile/> acesso em 19/03/2019

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria Método e Criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NUNES, Rozele Borges **Realidade escolar dos alunos do meio rural do município de Dom Feliciano/RS**. In: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/647-0.pdf> acesso em 21/02/2019

RIBEIRO, Marlene. **Pedagogia da Alternância na Educação Rural/do campo: projetos em disputa** <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28073/29880>> em 05/08/2018

SANTOS, Aline Teles; MIRANDA, Elinaldo Ferreira. **Educação Rural Versus Educação do Campo: paradigmas e controvérsias** <advely2013@hotmail.com> file:///C:/Users/CCE/Downloads/7206-25421-1-PB.pdf acesso em 18/03/2019

SANTOS, Valmeicy Regis dos Anjos. **Desafios e Possibilidades das Salas Multisseriadas no Município de Arraias/T0** Pós-graduanda do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins - Campus Arraias. 2016.

SILVA, Ester Simão Lopes. MEDEIROS, Ana de. **O acesso às escolas do campo e o transporte escolar** 2008. <Need.unemat.br/forum/artigos/ester.pdf> acesso em 23/10/2017

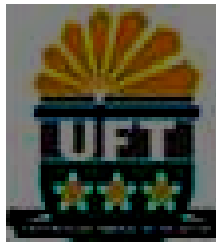
SOUZA, Felini de. **Concepção de “Campo” dos Estudantes do Núcleo do Campo Leoniza Carvalho Agostini 1**. V.1 Florianópolis. 2014. In: <<http://files.xxxv-semageo.webnode.com/200000031-c9485ca428/>> acesso em 04/07/2017

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica** <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n105/v29n105a08.pdf> acesso em 21/03/2019

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues **Inclusão dos alunos do campo na escola urbana: desafiosperspectivas**. In: <https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA18_ID1349_01092016><http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo10/umaanalisecomparativaentreeducacaodocampoxeducacaourbana.pdf215253.pdf> acesso em 23/02/2019

8. APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO UTILIZADO PARA ENTREVISTAR OS PARTICIPANTES DA PESQUISA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO, PROF. Dr. SÉRGIO JACINTHO LEONOR.
CURSO DE PEDAGOGIA-PARFOR**

PESQUISA: ESTUDANTES CAMPESINOS DE ESCOLAS MULTISSERIADAS DA COMUNIDADE PONTA DA SERRA:DESTAQUE NA EDUCAÇÃO NA REGIÃO DE ARRAIAS-TO,

ENTREVISTA DE ELABORAÇÃO DO TCC REALIZADO PELA ACADÊMICA: Elziene Araújo da Silva, sob orientação da Prof.^a Me Elisabete da Silveira Ribeiro

Esta entrevista é um instrumento de coleta de informações da pesquisa.
Estudantes Campesinos de Escolas Multisseriadas da Comunidade Ponta da Serra: Destaque na Educação na Região De Arraias-To,

Sua participação é muito importante. Os resultados dessa pesquisa serão entregues a você oportunamente. **Esclarecemos que NÃO É NECESSÁRIO SE IDENTIFICAR e que será garantido o anonimato dos dados coletados.**

1. Formação acadêmica? Há quanto tempo?

2. Como você ex- aluno (a) do campo foi recebido (a) na escola urbana?

3. Como você percebe o desenvolvimento das crianças da área rural?

4. Quais os desafios você enfrentou na transição da escola do campo para a escola urbana?

5. Na sua opinião existe alguma diferença entre o aluno do campo e da área urbana, em relação a aprendizagem?

6. Na sua opinião existe alguma diferença entre o aluno do campo e da área urbana, em relação a aprendizagem?